



## RETRATOS DE VIDA DE MULHERES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS/ EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA

*RETRATOS DE LA VIDA DE LAS MUJERES DEL EDUCACIÓN DE JÓVENES Y  
ADULTOS/EDUCACIÓN PROFESIONAL TECNOLÓGICA*

*PORTRAITS OF THE LIFE WOMEN OF THE YOUTH AND ADULT EDUCATION/  
TECHNOLOGICAL PROFESSIONAL EDUCATION*

GONÇALVES, Andréa, Ribeiro, PUCRS, IFRS, [andrearigonca@gmail.com](mailto:andrearigonca@gmail.com)<sup>1</sup>  
EGGERT, Edla, PUCRS, [edla.eggerto@gmail.com](mailto:edla.eggerto@gmail.com)<sup>2</sup>  
DE LA FARE, Mónica, UCPel, [monicadlf@gmail.com](mailto:monicadlf@gmail.com)<sup>3</sup>

### Resumo

Nesse artigo, são analisadas experiências visibilizadas com base em depoimentos de três estudantes da Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional Tecnológica EJA/EPT do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, campus Porto Alegre. O presente recorte, compõe pesquisa realizada para doutorado em Educação tendo por base teórica o conceito de patrimônios individuais de disposições da sociologia em escala individual de Bernard Lahire (2005), bem como alguns aspectos apresentados por meio dos estudos de gênero em Heleieth Saffioti (1987) e Flávia Birolli (2018). A metodologia inclui entrevistas em profundidade e a realização de retratos sociológicos, propostos por esse autor, para análise dos dados. Como resultados observamos que os universos família, escola e trabalhos são condicionantes para a permanência tranquila das mulheres estudantes da EJA e que a escola poderia ser mais atenta a relatos como os que foram sistematizados nesse estudo.

**Palavras-chave:** EJA; Educação Profissional; Retratos Sociológicos; Mulheres

### Resumen

En este artículo se analizan experiencias a partir de testimonios de tres estudiantes de Educación de Jóvenes y Adultos integrados en la Educación Profesional Tecnológica EJA/EPT del Instituto Federal de Rio Grande do Sul, campus de Porto Alegre. Este extracto comprende una investigación realizada para un doctorado en Educación a partir del concepto de bienes y disposiciones individuales de la sociología a escala individual

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação na PUCRS. Professora da área de Administração do IFRS-PoA, Porto Alegre, RS, Brasil, [andrearigonca@gmail.com](mailto:andrearigonca@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Teologia pelas Faculdades EST-RS, pós-doutorado em estudos feministas pela Universidade Autónoma Metropolitana da Cidade do México – Unidade Xochimilco e pós-doutorado em Educação pela Universidade Nacional de La Plata. Professora na Escola de Humanidades da PUCRS, Porto Alegre, RS, Brasil, [edla.eggerto@gmail.com](mailto:edla.eggerto@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutorado em Serviço Social e pós-doutorado em Educação pela PUCRS. Professora do Centro de Ciências Sociais e Tecnológicas da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), Pelotas, RS, Brasil [monicadlf@gmail.com](mailto:monicadlf@gmail.com)

de Bernard Lahire (2005), así como algunos aspectos presentados a través de los estudios de género en Heleieth Saffioti (1987) y Flávia Birolli (2018). La metodología incluye entrevistas en profundidad y la creación de retratos sociológicos, propuestos por este autor, para el análisis de datos. Como resultado, observamos que el mundo familiar, escolar y laboral son condiciones para la estadia pacífica de las estudiantes en EJA y que la escuela podría estar más atenta a informes como los sistematizados en este estudio.

**Palabras clave:** Educación de Jovenes y Adultos; Educación Profesional; Retratos sociológicos; Mujeres.

### **Abstract**

In this article, experiences are analyzed based on testimonies from three students of Youth and Adult Education integrated with Technological Professional Education EJA/EPT at the Federal Institute of Rio Grande do Sul, Porto Alegre campus. This excerpt comprises research carried out for a doctorate in Education based on Bernard Lahire's (2005) concept of individual assets and dispositions of sociology on an individual scale, as well as some aspects presented through gender studies in Heleieth Saffioti (1987) and Flávia Birolli (2018). The methodology includes in-depth interviews and the creation of sociological portraits, proposed by this author, for data analysis. As a result, we observed that the worlds of family, school and work are conditions for the peaceful stay of women students at EJA and that the school could be more attentive to reports such as those systematized in this study.

**Keywords:** Adult Education; Professional education; Sociological Portraits; Women

### **Introdução**

Esse texto apresenta um recorte da pesquisa de doutorado<sup>4</sup> da autora, mulher, negra, trabalhadora, professora, acadêmica, mãe, filha, irmã, amiga, colega. Consideramos importante apresentar essas qualificações, pois elas refletem um “lugar de fala” (Ribeiro, 2017). Essa pesquisa não nasce para ser arquivada em um repositório de teses, ela emerge da práxis docente e da necessidade de compreender o que faz com que as mulheres trabalhadoras com rotinas triplas e exaustivas, retornem à sala de aula após longo período de afastamento. E, muito mais que isso, buscamos compreender com elas, o que as fazem permanecer e concluir seus percursos escolares após suas jornadas de trabalho. Elas, ao

---

<sup>4</sup>A tese, com financiamento de bolsa CAPES, tem como objetivo compreender como os universos sociais (família, trabalho e escola) atuam na incorporação das disposições, que formam o *habitus* escolar nas trajetórias sociais e educativas das mulheres trabalhadoras estudantes e egressas da Educação de Jovens e Adultos/Educação Profissional Tecnológica EJA/EPT do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos, PROEJA do campus Porto Alegre do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, IFRS.

retornarem à escola noturna, como passageiras da noite (Arroyo, 2017), voltam para suas casas e enfrentam ainda a jornada diária dos cuidados de sua família na manutenção da vida, segundo Heleieth Saffioti (1987), deixando por último suas tarefas escolares.

Nesse artigo buscamos, problematizar as demandas sobre um segmento social que historicamente tem suas experiências invisibilizadas, como se suas necessidades já estivessem postas e resolvidas. Afinal, as mulheres já “conquistaram tudo” dizem alguns. Ledo engano, quando compartilhamos o cotidiano da vida privada e percebemos o quanto mulheres, e as mulheres empobrecidas e negras mais ainda, seguem carregando um fardo bem maior na distribuição do tempo em função dos cuidados com os outros (Biroli, 2018; Saffioti, 1987).

A EJA se constitui em um campo a ser estudado, que ultrapassa as estruturas escolarizadas, pois “refere-se à diversidade de tempos-espacos de formação de pessoas jovens e adultas que acontece nas escolas, nas comunidades” (Arroyo, 2017, p. 7), nas periferias sociais que adentram as salas de aulas da EJA, em um país continental como o Brasil. Uma vez que as mulheres trabalhadoras da região metropolitana de Porto Alegre -local onde residem as mulheres estudantes pesquisadas-, não possuem as mesmas necessidades das mulheres trabalhadoras do campo, ou ribeirinhas, ou catadoras, ou cuidadoras.

Esta pesquisa se soma a uma gama de estudos defendidos na forma de teses, dissertações e artigos na área da Educação<sup>5</sup>, Vieira (2020), Caixeta (2021), Model (2022), Godinho; Fischer (2019). Nesse marco, o estudo propõe focalizar as trajetórias escolares das mulheres estudantes da EJA/EPT, priorizando o conceito de Patrimônios Individuais de Disposições de Lahire (2004; 2005), com a hipótese de um passado sedimentado que se “converte em maneiras mais ou menos duradouras de ver, sentir e agir, isto é, em características disposicionais: propensões, inclinações, hábitos, tendências, persistentes maneiras de ser” (LAHIRE, 2004, p. 27). O autor converge com o conceito de *habitus*

---

<sup>5</sup>No BDTD do IBICTI com os descritores “mulheres, EJA, trabalho” no período entre os anos de 2017 a 2022, nos primeiros achados encontramos 82 pesquisas, das quais foram selecionadas para leituras dos resumos 10 teses e 30 dissertações. Para leitura completa 5 teses. No portal CAPES de teses e dissertações, que não possibilita busca avançada e repete várias vezes o mesmo título, com os descritores “mulheres, trabalhadoras, estudantes EJA PROEJA”, nas primeiras 20 páginas foram exibidos 44559 títulos aleatórios. Com a seleção do filtro teses encontramos 9642 achados, da busca nas primeiras 15 páginas selecionamos 4 teses para leitura completa.

bourdieusiano, porém também o critica, apontando a heterogeneidade das disposições que o compõem e as possibilidades de sua ativação (LAHIRE, 2005).

Esta pesquisa utilizou a entrevista em profundidade e a análise categorial temática para sistematizar os achados, interpretados à luz do referencial teórico e da metodologia de retratos sociológicos de Lahire (2004). As entrevistas foram realizadas entre maio e agosto de 2023, com cinco mulheres trabalhadoras estudantes ou egressas do curso Técnico em Administração da modalidade EJA/EPT do PROEJA, campus Porto Alegre do IFRS. Para esse artigo selecionamos três entrevistas expostas em formato de retrato sociológico. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética<sup>6</sup>, sendo que os nomes utilizados são fictícios, para resguardar o anonimato e foram escolhidos pela pesquisadora a partir de indicações das entrevistadas.

Com vistas a analisar o que faz as mulheres trabalhadoras retornarem e mais ainda, permanecerem na escola, esse artigo apresenta alguns recortes das trajetórias de três mulheres com base nos seus depoimentos, para identificar o que a escola pode fazer para não afastá-las mais uma vez da concretização da educação formal, auxiliando-as na conclusão da educação básica, como direito à conquista da cidadania.

### **Aspectos argumentativos**

As leituras, que auxiliaram o artesanato dessa pesquisa, consistem na apropriação da concepção teórica dos Patrimônios Individuais de Disposições de Bernard Lahire para desenvolver a noção de disposição e da Teoria dos Campos de Pierre Bourdieu alicerçando desse modo, os conceitos de campo, *habitus* e trajetória. Esses conceitos se complementam na fundamentação teórica, que apoiou a pesquisa empírica, junto às mulheres trabalhadoras estudantes e egressas da EJA/EPT do PROEJA do campus Porto Alegre do IFRS.

Em uma pesquisa que retrata sociologicamente as trajetórias de mulheres, compete também apresentar nossa compreensão sobre a categoria de gênero, que para Joan Scott

---

<sup>6</sup> Aprovado no Parecer Consubstanciado do CEP N° 6.069.521 de 19 de maio de 2023.

(1995) e Heleieth Saffioti (1987), consideram um elemento constitutivo das relações sociais, ao lado de categorias como raça/etnia e classe social. Nesse sentido, entendendo que a categoria de análise de gênero está sujeita a críticas e limitações, como expõe Maria Luiza Heilborn e Bila Sorj (1999), bem como os estudos *queer*, com Judith Butler (2018), não tratamos apenas de entender a relevância das relações de gênero heteronormativas na organização da vida social, mas como as relações que acontecem entre todos os gêneros e como elas afetam o próprio conhecimento produzido pelas ciências sociais.

Bourdieu afirma que

A estrutura da dominação masculina é o princípio último dessas inúmeras relações de dominação/submissão singulares que, diferentes em sua forma segundo a posição, no espaço social, dos agentes envolvidos (diferenças às vezes enormes e visíveis; outras vezes infinitesimais e quase invisíveis, mas homólogas e unidas, por isso mesmo, por um ar de família) separam e unem, em cada um dos universos sociais, os homens e as mulheres. (BOURDIEU, 2012, p. 127)

E de acordo com Lahire (2005, p. 23), “o mundo social é continuamente sobressaturado de diferenças sexuais”, sendo que, essas diferenças são vividas socialmente de formas, precoces e universais concomitantemente, assim, a percepção dos “constrangimentos são raramente sentidos como tais ou, em todo o caso, são-no muito menos fortemente do que outros tipos de constrangimentos sociais”. Esse contexto das naturalizações constrangedoras habituou a sociedade ao entendimento de que para as mulheres está reservado o recatamento, a obediência e a condição de “governar” a casa. Heleieth Saffioti (1987), também discutiu essa condição, no livro que produziu em forma de divulgação da sua tese de doutorado no ano de 1967 sob a orientação de Florestan Fernandes (1920-1995).

Bourdieu compara a trajetória de vida com a estrutura de rede do metrô francês, que é formado por um conjunto de linhas que se entrecruzam e se ligam em conexões, estruturando-se como a “matriz das relações objetivas entre as diferentes estações” (BOURDIEU, 1986, p. 189). O que remete à noção de trajetória “como série de *posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações” (p. 189). Assim, esclarecendo a metáfora do metrô, a ou o agente transita por diferentes universos sociais

(família, trabalho, escola) que se entrecruzam deixando suas impressões, tanto quanto as estações do metrô.

No contexto da Teoria dos Campos, Bourdieu assume *habitus*, como “os sistemas de disposições que, sendo o produto de uma trajetória social e de uma posição no interior do campo (...), encontram nessa posição uma oportunidade mais ou menos favorável de atualizar-se” (1992, p. 243). Posto isso, torna-se imperativo visualizar o processo de constituição das disposições que formam o *habitus* de cada campo (político, profissional, escolar, etc), entendendo que “toda trajetória social deve ser compreendida como uma maneira singular de percorrer o espaço social, onde se exprimem as disposições do *habitus*” (p. 292).

Desse modo, o *habitus* necessita que as disposições estejam sempre expostas a condições favoráveis para seu fortalecimento e constantes atualizações, só assim, a/o agente se adaptará às regras que regem o campo. Portanto, é preciso captar como o vivido em sociedade é subjetivado pelo indivíduo e como este exterioriza o que foi incorporado, de forma que não é uma réplica do que viveu. O *habitus* tem origem no social e fornece “ao mesmo tempo, um princípio de sociação e de individuação” sendo “variável através do tempo, do lugar e, sobretudo, das distribuições de poder” (Wacquant, 2007, p. 67). No caso das mulheres, podemos aferir que as condições favoráveis do fortalecimento do *habitus* subserviente, está o discurso do amor, a entrega despretensiosa em realizar todos os cuidados da “manutenção da vida” (Saffioti, 1989, p.13) para garantir o bem estar dos seus familiares.

É nesse sentido, que Lahire (2005), aponta que os estudos empreendidos por Bourdieu não foram aprofundados à medida que, “as noções (...) de estruturas cognitivas, psíquicas ou mentais, de esquemas, de disposições, de *habitus*, de incorporação e de interiorização não estavam no centro do estudo” (p. 12), servindo apenas como elementos explicativos das práticas investigativas expostas nos relatórios finais das pesquisas. Essas “noções”, para o autor, apresentam grande potencial de aprofundamento investigativo, que nós entendemos serem fundamentais no momento em que estudamos as feministas brasileiras e nos misturamos com esse conhecimento além mar.

A partir dessa perspectiva, concordamos com as ressalvas de Lahire, mas também, destacamos a importância das concepções teóricas e metodológicas de Bourdieu, como chaves interpretativas para a sociologia e para a análise das políticas, em especial as educacionais. Assim, a crítica de Lahire sobre a Teoria dos Campos e a noção de *habitus* consiste em uma atualização complementar, que define o processo de formação de um *habitus* e aprofunda as análises sobre o processo de constituição das disposições individuais e sociais que formam esse *habitus*.

Tomemos como exemplo o *habitus* individual escolar de uma agente que prolonga sua escolarização e alcança o grau máximo da educação básica, não existindo no seio de sua família nenhum(a) outro(a) agente que possua ou alcance o mesmo nível escolar, ela por ter concluído a Educação Básica poderá ser considerada por sua família “um gênio”, no entanto, no seu local de trabalho é a que possui o menor nível de escolaridade. Porém, podem ser as disposições incorporadas no universo de trabalho, que a impulsionam à continuidade e ao avanço escolar.

Desse modo, Lahire analisa que

esse ato de levar em conta a complexidade das experiências e da estrutura multicamadas dos patrimônios de disposições permite questionar profundamente é o modelo de ajuste perfeito dos *habitus* aos contextos nos quais eles são levados a evoluir. Raramente há correspondências ideais ou de cumplicidade ontológica entre as estruturas mentais e comportamentais incorporadas e as estruturas contextuais. (LAHIRE, 2015, p. 1401)

Apoiadas, nas contribuições de Lahire (2005), entendemos ser possível aferir seguindo com o exemplo anterior, que o sentimento de genialidade do universo familiar, somado às cobranças do universo do trabalho e associados aos estímulos do universo escolar, formam um Patrimônio Individual de Disposições, complexo e único, estruturador e estruturante do *habitus* escolar das mulheres estudantes priorizadas nesta pesquisa.

Em vista disso, fundamentados em Lahire (2004), Massi *et al* (2017, p. 3), definem disposições como “princípios geradores de práticas que refletem crenças, formas de agir e pensar que constituem as ações do sujeito. Diferente do *habitus*, as disposições são heterogêneas, contextuais e podem ser ativadas ou desativadas em função do contexto”. Ainda, Lahire (2004, p. 22-23), explica que “o ator não tem consciência das

determinações internas e externas que o levaram a agir como agiu, a pensar como pensou, a sentir como sentiu”. Essas disposições são múltiplas e incorporadas nos diversos espaços sociais, contudo a/o agente não tem consciência, de como ocorre ou se processa o patrimônio das disposições, e isso o leva a tomar posições no campo em que desenvolve alguma prática.

Lahire (2005), afirma que as disposições podem ser fracas ou fortes e são fortalecidas ou enfraquecidas em decorrência das atualizações que estão sujeitas ou não. Explica também, que um hábito não é incorporado e fixado imediatamente, sendo que a fixação é consequência das atualizações, ou seja, as disposições têm que, regularmente, estejam em contato com situações que as atualizem.

Nessa perspectiva, se no percurso escolar a estudante não atualizar, ou seja, não encontrar condições que acolham, facilitem, auxiliem ou reforcem a sua permanência no espaço escolar, as disposições não serão atualizadas, logo não se fortalecerão, sendo que o encurtamento da trajetória escolar pode ser inevitável. O autor esclarece que as disposições que foram incorporadas e atualizadas em condições favoráveis a sua boa interiorização e que encontram condições positivas de concretização, podem ser confundidas com “dom” ou “paixão”, desconsiderando-se totalmente as consequências advindas das ações socializadoras das/dos agentes (Lahire, 2005).

Ao propormos um diálogo entre a Teoria dos Campos de Pierre Bourdieu, para se retratar as trajetórias escolares das mulheres trabalhadoras estudantes e egressas da EJA/EPT do PROEJA do IFRS, e as perspectivas teórico metodológicas dos Patrimônios Individuais de Disposições de Bernard Lahire, é premente considerar suas convergências, mas também suas contradições. Nesse sentido, advertimos que a abordagem sociológica de Bourdieu não está parada no tempo, pois “os prolongamentos críticos lançados por Lahire produzem uma revisão teórico-metodológica profunda, que pode ser considerada vital para o emprego escolar da sociologia de Bourdieu” (Lima Junior; Massi, 2015, p. 560). E, essa aproximação, somada às leituras de teóricas estudiosas do feminismo e das relações de gênero, classe e raça (Biroli, 2018; Saffioti, 1987; Ribeiro, 2017), permite uma adequação das experiências individuais no sistema educacional, considerando a



origem social de cada estudante e as possibilidades de construção de trajetórias escolares prolongadas.

### **Retrato sociológico de Victória**

Os encontros com Victória ocorreram em seu apartamento, localizado na zona norte de Porto Alegre, o primeiro encontro foi no dia do seu aniversário de 47 anos. Ela é empregada doméstica desde os seus 7 anos de idade. Conta que tinha que ficar acordada até a hora que a criança, que ela cuidava, quisesse dormir. “Aí quando eu acordava de manhã, sete horas eu já acordava cansada. Imagina, eu tinha dez anos”.

Há 14 anos, trabalha na casa de um casal, sem filhos, cumpre um horário flexível de trabalho, nesse local tem um espaço onde sua filha de 13 anos, pode estudar, assistir TV e descansar. É mãe de mais duas moças. A mais velha, com 27 anos, tem dois filhos e conta com Victória, como sua rede de apoio, para cuidar de seus filhos, que têm 8 e 2 anos. Até os dois anos de idade do neto mais velho, ela reservava o valor de algumas faxinas para auxiliar a filha. Ela relata que, nesse período: “ela não trabalhou, ela somente cuidou dele. Eu fiz um salário, dentro do meu pra ela, para manter ela. E, um mês eu dava o leite e o vô dava a fralda, no outro mês eu dava a fralda e o vô dava o leite, durante dois anos”. Nessa época Victória trabalhava em vários lugares nos três turnos do dia.

Victória teve que deixar a filha do meio, sob a guarda do pai, desde os três anos de idade, pois não tinha condições de cuidar de duas crianças e trabalhar. Natural da cidade de Jaguari, ao engravidar aos 16 anos, foi abandonada pela família, pois se negou a casar forçadamente com o pai de sua bebê. Quando sua filha nasceu, veio para Porto Alegre, começou a trabalhar na casa da senhora que ela considera sua segunda mãe, que a ajudou a cuidar de sua filha mais velha até os 10 anos. Atualmente, dedica cuidados maternos para essa senhora, que tem um filho biológico. Ainda em Jaguari, parou de estudar na sétima série, trabalhava muito e sentia muito cansaço.

Eu parei de estudar na metade da gravidez, eu tive que parar, porque eu sentia muitas dores. E naquela época não tinha como fazer em casa, nem nada. Eu tinha... também, eu me incomodava muito, porque a minha família não aceitava minha gravidez. Eu não queria saber do pai da minha filha. Como ele não conhece ela. Eu não quis saber dele mais, eu não quis nem mais falar com ele.

Sim. Mas, eu vinha da quinta série, sexta, sétima série, eu vinha tão fraca, que eu passava, eu passei muito trabalho para passar. Passava muito trabalho, eu repetia, acho que eu repeti uns dois anos, eu acho. E um ano eu desisti. Eu repeti um ano e um ano eu desisti, porque eu estava cansada. Eu... todo esse período... o quinto ano, é uma base que tu tem que ter. Eu não tive tempo para ter essa estrutura. Porque eu não tinha tempo para estudar em casa. E na escola era pouco tempo. Aí, meus pais não entendiam.

Até hoje se comunica, via a rede social *Facebook*, com suas primeiras professoras. Já adulta, residindo na casa da família que a acolheu, tentou retornar algumas vezes. E acrescenta: “Eu não consegui, porque eu não tinha com quem deixar a minha filha, a Melani. Aí, se eu fosse estudar, não era por motivo que eu ia estudar, eu estava procurando lazer fora de casa”, ela relata.

Concluiu o ensino fundamental, aos 34 anos, quando estava grávida da terceira filha, trabalhava perto do CMET Paulo Freire, o que facilitou a finalização desse nível. Em 2019, retomou a escolaridade, influenciada pelo namorado, ingressou no curso Técnico em Administração da modalidade EJA/EPT do PROEJA do IFRS-PoA. Em abril de 2022 e março de 2023 teve COVID, sendo do grupo de risco por ser asmática, acredita que se não estivesse vacinada, não teria sobrevivido, pois teve sintomas muito fortes e dolorosos. Perdeu familiares e amigos, mas a perda que mais lhe marcou foi a da colega Scarlet, que ingressou no curso em fevereiro de 2020 e faleceu em 17 de março de 2021, após ser internada. Scarlet também era asmática e trabalhava de motorista de aplicativo, deixou uma filha adolescente e o noivo que, durante o período de sua internação, manteve contato com as colegas e servidores do campus, atualizando a situação da noiva sempre que podia.

Victória foi representante de sua turma por longo período, participando ativamente dos “Fóruns de Avaliações”, reuniões equivalentes aos conselhos de classes. Fez muitas buscas ativas com colegas que se afastaram. Atualmente, cuida mais de si, a COVID e as perdas a motivaram a viver de uma forma mais leve, mais gentil consigo, ao que parece.

### **Retrato sociológico de Regina**

Regina é uma mulher muito sorridente, demos boas gargalhadas nos dois encontros, em seu apartamento, em uma COHAB na zona norte de Porto Alegre. Seus pais eram analfabetos, vieram do interior do estado e se instalaram em uma comunidade na zona

norte. Seu pai trabalhou na construção dos trilhos para os trens, sua mãe trabalhava no lar, foi faxineira, cabeleireira e costureira para auxiliar na renda familiar.

A minha mãe o sonho dela era escrever, aprender a ler e a escrever. O meu pai aprendeu a escrever sozinho o nomezinho dele, uma origem humilde. Mas, bem trabalhador. Muito trabalhador, os dois. Uma família de oito filhos, uma falecida e sempre trabalhos, sempre trabalharam em trabalhos forçados. O meu pai veio de Rio Pardo. Primeiro trabalho dele aqui foi para fazer os trilhos, aqui dos trens. Aí, depois, sempre foi trabalhos forçados.

Regina disse que os pais davam apoio e condições para ela e seus sete irmãos estudarem. Mas, se não quisessem estudar, como forma de punição, tinham que trabalhar. Ela afirma: “Podia estudar. O pai e a mãe só queriam que a gente estudasse. Eles queriam ver a gente formado. E eu achava que tudo era errado”.

Apesar de Regina se considerar feliz na escola: “Eu vejo assim a escola... o que eu vou te falar assim? Lá eu me sentia livre. Entendeu?! Eu podia ser a Gina, a Regina, eu brincava”, sofreu *bullying* e racismo, como relatou “Ah. Me chamavam de nega do cabelo duro, nega suja, repolhão. Dei num guri por causa disso, num guri branco”. Como demonstra seu relato, a escola não foi o melhor dos mundos para ela.

Regina comenta que se sentia muito reprimida no ambiente familiar, nada podia, nem sair, tinha hora para tudo, sua mãe controlava tudo. Engravidou de sua primeira filha quando estava na oitava série. Fugiu de casa para morar com o pai de suas duas filhas. Ele não a deixou concluir aquele ano letivo. Conta que apanhou dele, desde o primeiro dia em que foi morar com ele. Relata que: “Estava na oitava série naquela época. Já estava passada. Eu precisava ir só pra terminar o ano. E o João não deixou eu ir”. Ele não trabalhava e ela teve que começar a fazer faxinas para sobreviver, até então, os pais faziam de tudo para ela estudar, nunca tinha trabalhado.

Era o pai das gurias. E, ali eu comecei a passar a minha vida. Muita necessidade, ali que eu comecei aprender a trabalhar com faxina. Porque eu nunca precisava na minha vida né, porque meus pais era só questão de estudos. Aí, dali eu passei muito trabalho.

Dez anos depois de ter parado de estudar, com vistas a melhores condições de trabalho, retornou e concluiu o ensino fundamental. Desejava dar continuidade ao ensino médio, o que foi inviabilizado com o nascimento de seu terceiro filho.

Ele quando eu comecei a estudar, terminar o meu primeiro grau, eu engravidei do Willian. Então, eu ia voltar a estudar pro ensino médio. O Willian nasceu em abril e eu queria que ele cuidasse dele. “Não. Tu já fez o primeiro grau, está bom”. Meu sonho era fazer enfermagem, aí ele disse que: “Enfermeira era pra dormir com os médicos”. Então, aí, acabei daí, não fazendo os estudos.

Atualmente, Willian tem 24 anos, é técnico em enfermagem. Suas duas filhas lhe deram oito netos, com idades entre 5 e 17 anos, uma das filhas completou o Ensino Médio, mediante aprovação do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA), a outra ainda não concluiu esse nível educativo.

Durante a pandemia sofreu uma grande perda, seu namorado faleceu de COVID, pessoa que a apoiava muito. Também perdeu a mãe, que tinha a doença de Alzheimer. Ficou desempregada nesse período e foram os filhos que a mantiveram. Hoje, trabalha como cozinheira em uma casa de família. Conta que

Desde a pandemia eu não sei, não só os estudos, mas a minha vida saiu fora de órbita. E eu estou num pleito, que estou voltando a minha vida em órbita de novo. É como se eu estivesse aprendendo tudo de novo. É como eu digo: “Um dia de cada vez”, é o que eu estou fazendo. Através de uma coisa, eu estou descobrindo outra coisa, pra entender porque eu estou desse jeito. Então...

Apesar de muito sorridente, Regina sofre de depressão e ansiedade. Quase não sai de casa. Seu lazer é assistir TV e jogar no celular. Considera muito importante que seus amigos e familiares estudem. “Sim, sim, muito. Porque é uma forma, é um conhecimento que tu, nunca ninguém vai te tirar. Só o alemão o Alzheimer tira da tua vida. (risos) Só esse alemão maldito que pode tirar de ti”.

Que nem teus direitos, teu direito de cobrar exigir sabe. A tua segurança sabe, no falar, que tu sabes o que tu estás falando, entendeu, te dá, tu mostra. Tudo por quê? Tu estudou, tu estás aprendendo. Aquela forma afirmativa sabe. Eu estou afirmando, porque eu sei o que eu estou falando. E isso, é muito importante pro ser humano. Pra nós, principalmente pra nós mulheres, principalmente pra nós mulheres. É uma diferença enorme.

### **Retrato sociológico de Kyntia**

Os encontros ocorreram na casa da primeira autora. Kyntia é mulher branca, 44 anos, mãe de dois jovens, casada com o pai de seus filhos. Quando perguntada sobre como se auto-

declarava em relação a sua classe econômica, respondeu “Pertencço a classe trabalhadora”, o que reflete, certa, consciência de classe.

Nasceu no interior do estado. Seus pais exerciam uma atividade peculiar: lenhadores. Ela conta que conhece a árvore do pezinho.

Na verdade a gente residiu em muitos locais, mas enquanto município assim, General Câmara, Triunfo, Sapucaia, Esteio, Taquari, porque os meus pais eles eram lenhadores. Eles trabalhavam para as firmas hoje conhecidas como celulose, o princípio, o início dessa vida, como que a madeira chega nessas fábricas e vira papel é um pouco desconhecido para alguns, mas para mim não. Eu sei, eu conheço a árvore lá de pezinho, a gente derrubava essa árvore, ela era preparada pra sair daquele local, muito no interior e chegar nessas empresas e aí se transformar em tudo que a gente conhece e normalmente papel e celulose, para fazer outras coisas e não só papel. Então, essa vida, a medida que as empresas maiores foram chegando e aí os órgãos do Ministério do Trabalho foram fiscalizando, esses locais foi ficando cada vez mais difícil deixar crianças nesses locais, às vezes as pessoas em condições não muito boas de trabalho, insalubres, que infelizmente a gente ainda vê hoje, mas antes era muito pior.

Eles moravam em um tipo de casa chamada “bolanta” (casa volante construída de madeira que pode ser transportada por tratores ou caminhão), mudavam muito, de acordo com a sazonalidade dos cortes das árvores. Afirma que seu pai era “alcoolista”, veio de uma família de “alcoolistas”. Conta que: “Alcoólatra, a gente não usa mais esse termo, a gente usa alcoolista”.

Sua família foi vítima desse vício. Quando estava sob efeito do álcool seu pai batia em sua mãe. Eles se separam várias vezes e em cada retorno sua mãe engravidava de mais uma de suas cinco irmãs, o único irmão faleceu ainda bebê.

Quando a minha mãe teve o meu irmão, que daí foi depois, que foi o meu quinto irmão, que é o menino. Ela mais uma vez foi sozinha para o hospital. Só que aí eu lembro que, eu fui no hospital visitar ela e aí era um menino. E aí eu lembro que... porque eu pensava assim, meu pai é assim porque ele não tem um filho. Nossa ele ficou muito feliz quando foi um menino. E aí eu achava assim, agora... e aí foi a primeira vez que eu me percebi como a minha mãe. Como se a mudança do outro tivesse que depender de alguma coisa que eu fizesse ou que alguém fizesse. E não é isso. A mudança do outro, não tem que nunca depender de ninguém, tem que depender dele.

Seu pai cursou até o 3º ano do ensino fundamental. Faleceu aos 56 anos, de câncer. Sua mãe estudou até o 4º ano.

Minha mãe é muito inteligente assim, muito... hoje eu sei que o raciocínio lógico dela, que funciona muito bem. Porque tem uma diferença entre, em ter o estudo e tu ter o raciocínio lógico, uma coisa não é intrínseca. Kyntia frequentou o 1º ano em uma escola no município de General Câmara, diz que: “Lá eu aprendi a fazer aqueles pontilhados, a e i o u”.

Ela relata, que quando seus pais, largaram a vida de lenhadores, mudaram-se para Sapucaia: “onde de fato eu fiz a minha introdução na vida escolar, de escola mesmo matriculada, documentada e tudo o mais”. Com o passar do tempo, sua mãe recebeu uma indenização trabalhista e comprou uma casa em uma vila: “Apesar de todos os pesares, a gente foi feliz nessa casa”. Sua mãe começou a fazer faxinas em Porto Alegre e eventualmente tinha que posar no emprego, pois a distância inviabilizava seu retorno ao lar, todos os dias da semana. Mas, acrescenta: “aí quando eu passei pro quarto ano, eu saí da escola porque a minha mãe arrumou um trabalho para cuidar de dois idosos aqui em Porto Alegre e precisava que eu ficasse em casa, definitivamente, com as minhas irmãs”. Durante os dois encontros para essa entrevista, Kyntia se emocionava e lagrimava quando contava essa passagem de sua vida. Esse momento retornou várias vezes em nossa conversa e sempre com uma carga de sentimentos muito fortes e doloridos.

Enfim, daí a minha mãe, como tinha um neném pequeno, uma recém nascida praticamente e ela não tinha outras pessoas com quem contar. Então assim, foi um dia muito dolorido para mim e para ela. Porque eu lembro... Quando eu cheguei em casa e aí eu disse pra ela que eu tinha passado de ano. E aí, ela disse, que não iria na escola fazer a minha matrícula. Eu sofri muito, muito, muito naquele dia. A gente, outro dia, estava falando disso, eu e ela lembrando, porque ela fica muito feliz porque hoje eu estou... ela fica muito feliz. Porque ela sabe o quanto isso para mim era importante. Enfim, daí eu saí naquele momento da escola. Ai que horror.

Outra passagem, com a mesma potência sentimental, é o relato dos partos de sua mãe, ressalta que: “a mãe ia para o hospital e voltava com a neném no colo, sempre, sempre sozinha”. Quando sua mãe ganhou a última filha, Kyntia estava grávida do seu primeiro filho, fez questão de acompanhar sua mãe nesse momento.

Kyntia retornou aos estudos aos 18 anos, grávida do primeiro filho. Ela era a rede de apoio de sua mãe para cuidar de suas irmãs e a mãe foi a sua rede de apoio para cuidar de seus filhos, quando ela precisou trabalhar e estudar. Concluiu o ensino fundamental em uma escola perto de sua casa. Não continuou os estudos naquele momento, pois a escola não oferecia ensino médio. E não tinha outra nas proximidades.

Sua resposta quando perguntada se a rede de apoio maternal é determinante para a mulher continuar estudando, foi

Total. Total. Não tem como tu permanecer num espaço né, onde tu precisas focar, estar inteira dentro daquele espaço, pra desenvolver o que tu precisas, o teu aprendizado, a tua evolução enfim, o que tu se determina. Se tu tiveres uma preocupação com filho, se não tiver bem acolhido, se ele não tiver cuidado, se ele não estiver, não tem como. Acho que é determinante sim.

Quanto à vida profissional, Kyntia foi empregada doméstica desde a adolescência. Em 2015, ingressou no curso Técnico em Administração EJA/EPT-PROEJA, no final do 1º semestre conseguiu o emprego de auxiliar administrativa em uma instituição que ampara mulheres em situação vulnerável, onde ainda trabalha. Quando concluiu o curso recebeu um aumento de salário. Atualmente, cursa o nível superior em outro campus do IFRS, mais próximo de sua residência na zona sul de Porto Alegre.

### **Tecendo pontos de análise da trajetória das três mulheres**

Os retratos sociológicos, apresentados nesse texto, foram elaborados a partir das entrevistas ocorridas entre maio e setembro de 2023, e pertencem a três mulheres trabalhadoras, com idades entre 44 e 51 anos. Uma delas é egressa e duas ainda cursam o Técnico em Administração da EJA/EPT do IFRS-PoA. Elas se autodeclararam heterossexuais, do sexo feminino. Todas com filhos adultos. As três já são avós. Suas ocupações atuais são: Victória é empregada doméstica, Regina é cozinheira e Kyntia é auxiliar administrativa, sendo a única que ascendeu ao ensino superior.

O primeiro fator determinante do afastamento escolar foi a maternidade na juventude. Segundo Eggert; Silva e Campagnaro (2021), a maternidade é uma função biológica, mas também social.

Para convencer as mulheres a executarem de forma abnegada esse papel, a sociedade utiliza diversas estratégias, e a mais importante delas se refere aos argumentos construídos no campo da biologia, naturalizando a discussão, aproximando a formação biológica do corpo feminino com sua aprendizagem no campo do cuidado com o/a outro/a. (2021, p.47)

E para as mulheres empobrecidas, a maternidade muitas vezes faz com que elas sejam relegadas ao trabalho dito informal, relegadas à condição dos “não salários”, desempenhando longas jornadas e com longas distâncias entre suas casas e as casas das

suas patroas<sup>7</sup>. Flávia Biroli (2018), apresenta essa realidade e discute sobre os trabalhos que sobram para essas mulheres, que ao serem mães acabam entrando no espectro das atividades não formais, como os de empregadas domésticas ou dos trabalhos manuais feitos também em casa. E no Brasil, apenas no ano de 2015, o trabalho das trabalhadoras domésticas foi reconhecido, devido a recusa dos legisladores, na maioria homens, de reconhecerem os direitos trabalhistas para as empregadas domésticas e regulamentá-los. As mulheres mais ricas e, mesmo as de classe média usufruíram do trabalho das mulheres empobrecidas e majoritariamente negras, para se profissionalizarem e dessa forma poderem ingressar no mundo do trabalho formal. As mulheres empobrecidas (Gebara, 2000), ao serem relegadas ao trabalho dito informal ficaram relegadas à condição dos “não salários” desempenhando longas jornadas e com longas distâncias entre suas casas e as casas das suas patroas.

Outro fator marcante, reflete o patriarcado estrutural das relações familiares, que atribui à maternidade um aspecto que justifica a permanência obrigatória naturalizada da mulher no âmbito privado e doméstico. E, essa aprendizagem, compõe o “constrangimento” (Lahire, 2005), desenvolvedor de dor e vergonha, pois a ordem patriarcal internalizada, cobra essa necessidade da partilha do cuidado com outro cuidado como se fosse falta de amor.

E o terceiro fator e discriminador é a desconstrução do sentimento de acolhimento que elas tem em relação à escola como um espaço que, apesar das regras, permitia que elas se sentissem livres e genuínas. Lembrando com carinho das professoras e colegas do ensino fundamental. Esse movimento ocorre com a caracterização da escola, por parte dos homens com quem as mulheres mantém vínculos afetivos, como um lugar onde a estudante vai para encontrar “lazer fora de casa” ou lugar de encontro com outros homens, possíveis amantes.

As trajetórias retrataram a experiência de relacionamentos conflituosos com seus pais e mães. Expressaram o sentimento de vergonha ao engravidarem muito jovens. E são

---

<sup>7</sup> Ivone Gebara (2000) utiliza o conceito de “mulheres empobrecidas” no lugar de mulheres pobres, pois para ela as mulheres têm seu potencial subvalorizado quando entendidas como pobres. Eliandra Model da Silva e Edla Eggert (2022), refletem esse conceito junto à realidade de mulheres estudantes de EJA.



unânicos ao afirmarem, que se tivessem uma rede de apoio para cuidarem de seus filhos, não teriam interrompido a escolaridade. Como apontado por Lahire (2005), sobre os constrangimentos, segundo Ivone Gebara (2000), a culpa do pecado (a desobediência) de Eva, persegue as mulheres como devedoras da perda do paraíso. E nesse contexto, sair de casa para estudar que pode gerar prazer, ao que parece gera o entendimento que a esposa/mãe está saindo dos limites do cuidado para com a casa, que é o “constrangimento” naturalmente aprendido.

## **Conclusões**

As matrizes de socialização familiar, escolar e trabalhista das mulheres que tiveram suas trajetórias retratadas indicam características comuns nos estudantes da EJA: trabalhadoras(es) de famílias de origem popular, filhas e filhos ou netas e netos de migrantes internos; um percurso escolar marcado pela intermitência, associada às dificuldades materiais enfrentadas para garantir a escolaridade e uma organização simbólica familiar que valoriza a escolaridade, mas ao mesmo tempo tem dificuldades, em aceitar tranquilamente, quando uma mãe dona de casa, resolve retornar aos estudos.

Há exceções, como no caso da Victória, que foi influenciada a voltar a estudar pelo namorado que a inscreveu no curso. Mas, no caso de Regina foi motivada por uma vizinha que também era estudante. E Kyntia que desejava muito voltar a estudar se inscreveu e também inscreveu seu filho e sua irmã, porém apenas ela conseguiu concluir o curso. Quando perguntadas se pensaram em desistir do curso técnico, todas disseram que sim. Porém, afirmaram que os valores recebidos através da assistência estudantil foram decisivos para as manterem e permanecerem no curso.

Regina, atualmente, está concluindo o curso, restando apenas elaborar e apresentar o seu Trabalho de Conclusão (TCC). Victória está cursando disciplinas do quarto, quinto e sexto semestres. Kyntia está no terceiro semestre do Curso Tecnólogo em Processos Gerenciais em outro campus do IFRS, situado na zona sul da cidade.

Regina e Victória carregam as seqüelas físicas e emocionais deixadas pela COVID. Kyntia acredita que o seu ingresso no curso superior ocorreu em virtude da menor concorrência, pois no período pandêmico, muitas pessoas não conseguiram participar dos

processos seletivos ou estavam impossibilitadas: física, emocionalmente e ou economicamente para exercerem suas atividades letivas.

Esses retratos se parecem com milhões de álbuns nesse país onde as mulheres trabalhadoras precisam ser ouvidas, para que seus trajetos, trajetórias e histórias possam justificar as proposições das políticas públicas, que realmente respondam às necessidades das mulheres, trabalhadoras, estudantes, mães e cuidadoras de seus familiares, amigos e colegas.

Podemos assumir que as disposições incorporadas na infância, no espaço escolar, foram atualizadas quando essas mulheres encontraram condições para prolongarem seus percursos escolares. A atualização dessa disposição se vincula à possibilidade concreta de continuar a escolaridade pela existência e funcionamento de uma instituição escolar que garante acesso, permanência e assistência estudantil para esse fim. Nesse caso políticas educacionais, como as instituídas pelo PROEJA nos institutos federais, deveriam ser desenvolvidas a partir de análises mais aprofundadas sobre as especificidades e necessidades do seu público de interesse, para além de focarem no perfil descritivo dos e das potenciais estudantes.

## Referências

- ARROYO, Miguel G. *Passageiros da Noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- BIROLI, F. *Genero e desigualdades: limites da democracia no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. 2012. *A Dominação Masculina*. Tradução: Maria Helena Kühner. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. Versão digital. 160p.
- \_\_\_\_\_. *AS REGRAS DA ARTE - Gênese e estrutura do campo literário*. Editora Companhia das Letras. 1992. Tradução: Maria Lucia Machado. Editora Companhia das Letras. 1992.
- \_\_\_\_\_. *L'ilusion biographique. Actes de lo Recherche em Sciences Sociales*. (62/63):69-72, juin 1986.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Coleção Sujeito & História. 16ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2018.

CAIXETA, Schneider Pereira. *O discurso sobre a mulher nas produções textuais de alunas da EJA*. 247 p. Tese de Doutorado em Linguística, PPG Linguística-UnB. Brasília. 2021.

EGGERT, Edla. *O amor tudo crê, tudo suporta? conversas (in)docentes*. [recurso eletrônico]. Edla Eggert, Márcia Alves, Sara Campagnaro. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2021.

GEBARA, Ivone. *A mobilidade da senzala feminina: mulheres nordestinas, vidas melhor e feminismo*. São Paulo: Paulinas, 2000.

GODINHO, Ana Claudia Ferreira; Maria Clara Bueno, FISCHER. *Escola, trabalho e gênero: uma experiência de Educação de Jovens e Adultos na rede pública de ensino de Porto Alegre*. *Educar em Revista*. Curitiba, Brasil. V. 35, n 75, p. 335-354, mai/jun. 2019.

HEILBORN, Maria Luiza; SORJ, Bila. *Estudos de gênero no Brasil*. In: MICELI, Sérgio (org.). *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. ANPOCS/CAPES. São Paulo: Editora Sumaré, 1999, p. 183-221.

LAHIRE, Bernard. *Retratos Sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

\_\_\_\_\_. *A Fabricação Social dos Indivíduos: quadros, modalidades, tempos e efeitos de socialização*. *Revista Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1393-1404, dez., 2015.

\_\_\_\_\_. *Patrimônios Individuais de Disposições: Para uma sociologia à escala individual*. *Revista SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS*, n.º 49, 2005, pp. 11-42.

LIMA JUNIOR, Paulo; MASSI, Luciana. *Retratos sociológicos: uma metodologia de investigação para a pesquisa em educação*. *Revista Ciênc. Educ.*, Bauru, v. 21, n. 3, p. 559-574, 2015.

MODEL, Eliandra Silva. *Educação tecnológica ao alcance de todas? a invisibilidade das mulheres empobrecidas em revistas produzidas por instituições federais do Sul do Brasil*. 119 p. Dissertação de Mestrado em Educação, PPG Edu/PUCRS. Porto Alegre. 2022.

RIBEIRO, Djamila. *O que é: lugar de fala?* Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo: Editora Moderna. 1987.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. *Revista Educação & Realidade*. V. 20, Nº. 02. p. 71-99. UFRGS. Porto Alegre, 1995.

VIEIRA, Nilda Gonçalves. *Mulheres egressas da educação de jovens e adultos na universidade: uma análise na perspectiva da relação com o saber*. 225 p. Tese de Doutorado em Educação, PPGEdU-UFG. Goiânia. 2020.

WACQUANT, Loïc. *Esclarecer o Habitus*. *Revista Educação & Linguagem*. Ano 10. Nº 16. 63-71, JUL.-DEZ. 2007.